

## IMPRESSÕES BIO-GRÁFICAS DE CORPO-POLÍTICAS MARCADAS: PERSPECTIVAS SEXUAIS SUBALTERNAS

Pedro Henrique Alves de Medeiros (UFMS/NECC)<sup>1</sup>

Edgar César Nolasco (UFMS/NECC)<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descortinar e, por extensão, teorizar impressões bio-gráficas de corpo-políticas marcadas a partir de uma epistemologia Sul-Sul, de caráter descolonial, ilustrada pelo corpo performático, dissidente, fronteiro e indecível da cantora e *drag queen* brasileira Pablllo Vittar. Dessa feita, a proposta aqui delineada se justifica na medida em que Pablllo Vittar desvela o horizonte crítico-epistêmico *outro* de que não resistimos porque somos *bichas*, mas, sim, re-existimos (MIGNOLO, 2017a) politicamente à opressão e às marcas de poder hegemônico-coloniais incutidas, à revelia, em nossos corpos-*corpus* de *anthropos* (MIGNOLO, 2003), isto é, de supostos “outros” especialmente no Brasil contaminado pela putrefação moral de Jair Bolsonaro. Ademais, o ensejo explicitado se projeta, como condição epistemológica *sina qua non*, contra a narrativa universalista e monotópica da colonialidade que instituiu, por vias dos seus próprios critérios abissais as categorias modernas de conhecimento, arte, corpo-*corpus*, sexualidade e gênero responsáveis pela criação de insígnias assimétricas e autoritárias de poder que desumaniza(r)am e sub-humaniza(r)am (KILOMBA, 2018) os corpos ditos “marcados” em relação aos “não-marcados”, sendo aqueles os ditos desviantes, inferiores e insubordinados, em outras palavras, tudo aquilo que não representa a nação heterossexista-patriarcal. Portanto, no que concerne ao recorte teórico, utilizar-se-á a perspectiva descolonial em face de uma metodologia eminentemente bibliográfica assentada nos autores Walter Mignolo, Silviano Santiago, Grada Kilomba e Guacira Lopes Louro de obras e de textos, dentre outros, como “Inconveniências do corpo como resistência”, *Um corpo estranho*, *Histórias locais/projetos globais*, “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade”, “Desafios decoloniais hoje” e “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”.

**Palavras-chave:** Descolonialidade. Sexualidade. Dissidência. Corpo. Pablllo Vittar.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), bolsista Fundect/CAPES e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor e orientador pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

O corpo alarga uma metáfora política.  
Não é república ou infalível.  
Tentativa única,  
*o corpo carrega o fado comum do poema:  
extravio e luta.  
Fortaleza e catástrofe.*  
(MAROVATTO, 2018, p. 137, grifos nossos)

Conforme o exposto pelo poema de Mariano Marovatto, *os corpos alargam metáforas políticas e carregam os fados comuns, extravio, luta, fortaleza e catástrofe*. Para além de resistir, os (meus/nossos) corpos desviantes (KILOMBA, 2019), re-existem, pois apenas resistir não é o suficiente, dado que isso significaria que as normas do jogo são controladas por alguém/algo a quem resistimos (MIGNOLO, 2018). Pelo endosso das semelhanças-na-diferença (MIGNOLO, 2003), destituídas de signos valorativos hierárquicos, evoca-se a recolocação dos desejos, dos afetos, dos corpos-*corpus, loci* etc. desautorizados pelo pensamento ocidental. Dessa forma, nossos desafios atuais e dos futuros globais residem nas possibilidades de angariarmos corpos transcendidos e destituídos da matriz colonial do poder lançando-nos ao vazio de sociedades que prezem *todas/todos* vidas/corpos plenamente co-existent em harmonia (MIGNOLO, 2018).

Em 2019, ano de posse do então presidente Jair *Messias* Bolsonaro – grafamos o segundo nome em itálico em tom irônico considerando a contaminação religiosa/conservadora imbricada nos discursos e práticas desse sujeito –, entrevemos a disseminação de discursos políticos, alinhados ao conservadorismo heterossexista latente, no intento de erradicar os direitos conquistados pelos grupos marginalizados, dentre deles, os de nós homossexuais, *sub judice* de argumentos indecorosos, de raiz cristã-normativa. Nesse tocante, Silviano nos relembra que hoje se percebe melhor as gestualidades das inconveniências corpo-artísticas (SANTIAGO, 2019a), atrelados não só aos palcos das artes, mas, das vidas, no endosso de resistências políticas a autoritarismos e perseguições de matriz opressora, preconceituosa e totalitária, replicada por Bolsonaro, a qual foi acentuada desde o golpe militar de 1964 que, coincidentemente (ou não), o então presidente demonstra grande apreço.

Entretanto, como relembra Oscar del Barco, filósofo argentino citado por Mignolo em “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017), ainda que a barbárie pareça ser definitiva, não temos outro horizonte civil-epistêmico a não ser a luta. Em certo momento, os intelectuais de hoje desaparecerão, todavia, os oprimidos continuarão existindo e elaborando teorizações que encampem suas necessidades e esperanças (MIGNOLO, 2017b). Não há outra saída que não seja a luta implicada pela insubordinação somada à desobediência epistêmica-civil. As lutas, a teorização *outra* e os corpos da inconveniência desviante angariam transformações de cunho semelhante-na-diferença em vias de trazer à voga processos plurilógicos e pluritópicos (MIGNOLO, 2003) que obliterem a universalidade monotópica incutida nas semelhanças-e-diferenças. Ao arcabouço dessa, relegou-se as diferenças *dos outros*, a citar: os ditos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos e subdesenvolvidos (MIGNOLO, 2003).

Segundo Silviano, é do seu interesse latente entrever as formas de resistências na legitimação de resistências políticas se alternando, portanto, o cenário performático dos palcos para o contexto angariado no Congresso Nacional Brasileiro (SANTIAGO, 2019b). Assim, compreendemos, no que convém não só ao espaço público supracitado, mas, também, aos seus desmembramentos espaciais-políticos, que as figuras dos políticos Marielle Franco e Jean Wyllys eram inconvenientes (SANTIAGO, 2019b), por excelência. Paralelamente, não é à toa, tampouco, casual, que ambos os políticos experienciavam e inscre(vi)viam comportamentos inconvenientes e desviantes, posto que

Jean é *gay* e Marielle era bissexual (SANTIAGO, 2019b). Resguardado por esse fato de imbricação da vida privada (sexualidade) à pública (carreira política) somado às inscrições e aos pronunciamentos altamente voltados para as diferenças (coloniais) pluri-versais e à possibilidade de co-existência de mundos possíveis (MIGNOLO, 2008), um deles (Jean) foi outorgado a se exilar do Brasil frente à série de ameaças político-homofóbicas, enquanto a outra (Marielle) fora assassinada a tiros dia 14 de março de 2018 no Rio de Janeiro.

A esses corpos político-inconvenientes-desviantes, delegou-se as represálias do exílio e do assassinado, respectivamente, explicitando as ligações entre público-privado (SANTIAGO, 2019b) no tocante aos corpos inconvenientes e, sobremaneira, na questão sexual como elemento político que no Brasil está se delineando de maneira extraordinária – no sentido pejorativo do termo. Inconvenientemente, *todo o político está atravessado pela sexualidade* (SANTIAGO, 2019b, s/p) e, nessa chancela, Marielle e Jean, vidas essas encenadas na política, mostraram como a questão sexual *é um fundamento integrante da política nacional* (SANTIAGO, 2019b, s/p), tendo em vista que os espaços políticos de poder são, predominantemente, dominados por homens brancos, heterossexistas e patriarcais. *Fala-se mais de sexualidade do que de política, ou não se pode falar de uma sem a outra* (SANTIAGO, 2019b, s/p).

Wyllys e Franco, por sua vez, foram/são ocultados e silenciados pela matriz de dominação (MIGNOLO, 2017a) político-cristã, conservadora e violenta que grassa no Brasil *sub judice* da legitimação discursivo-prática do então presidente da república. No crivo da percepção (homo) biográfica da corpo-política, Mignolo (2017), na esteira de Fanon debatendo racismo, todavia, passível de articulação no prisma da sexualidade, explicita a necessidade de contrapormos epistemologicamente as corpo-geo-políticas, de fundo fronteiriço/descolonial, à egopolítica e à teopolítica modernas-coloniais, proclamadas universais, na tentativa de resgatar nossas sensibilidades suprimidas e expurgadas pelas normas socioculturais conservadoras, bem como nossos *loci* geoistóricos imbuídos em nossos corpos inconvenientes e desviantes:

Quando Frantz Fanon termina seu *Pele negra, máscaras brancas* com a prece: *Oh corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que se interroga* [...] expressou, em uma só frase, as categorias básicas da epistemologia fronteiriça: a percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está arraigada assim como o corpo racializado, nas histórias locais marcadas pela colonialidade. Ou seja, um pensamento que faz visível a geopolítica e corpo-política de todo pensamento que a teologia cristã e a egologia (e.g. cartesianismo) ocultam (MIGNOLO, 2017b, p. 16, grifos do autor).

Tomando por base o estado de exílio (MIGNOLO, 2003) que o corpo inconveniente-desviante do homossexual ocupa na sociedade autocentrada na heterossexualidade compulsória e nos corpos não-marcados (KILOMBA, 2019), compreendemos a necessidade de não permitirmos os apagamentos das *nossas* sensibilidades em virtude das represálias familiares, trabalhistas, escolares, políticas, midiáticas etc. as quais somos cotidianamente alvos. Ainda que tentem nos fazer entender o contrário, nossas sensibilidades têm um senso de territorialidade (MIGNOLO, 2003) ligado aos locais geoistóricos e epistemológicos que nos atravessam (MIGNOLO, 2003) e é ali, na conjunção desses *loci* com nossos semelhantes, que encontramos força motriz para re-existir e civil-epistemicamente desobedecermos.

À vista disso, entrevemos que as marcas (MIGNOLO, 2003) inscritas em nossos corpos pela força dos legados coloniais e modernos são justamente as condições *sine qua non* para crivarmos

(auto)reflexões atuantes nas interseções das nossas memórias expurgadas dos acontecimentos que nos transpassam e nas esperanças quase utópicas de futuros globais mais igualitários. Dessa forma, nossa luta se angaria, eminentemente, não em uma categoria, mas, sim, em uma perspectiva subalterna (MIGNOLO, 2003), por excelência. Isso quer dizer que estamos empenhados em teorizar a partir das relações “contratuais” (MIGNOLO, 2003) da subalternidade em posição de desobediência aos postulados coloniais e às veredas de dominação caras às configurações da modernidade, a exemplo: a “visão de mundo” dissipadora das sensibilidades *outras* e a presença do armário no introito de regular e expurgar as dissidências sexuais.

Em termos comparativos, os sentidos de “periférico” e “subalterno” são análogos (MIGNOLO, 2003) se os tomarmos enquanto perspectivas daquilo que se situa em um espaço relacional compreendido como inferior. Nesse viés, o triunfo dos estudos subalternos, pela égide de perspectiva, reside justamente na possibilidade de evitarmos a reinscrição das estratégias de subalternização (MIGNOLO, 2003) do conhecimento, dos *loci*, das sensibilidades, dos desejos/afetos não-heterossexuais, além dos corpos das exterioridades que re-existem. Reiteramos, então, que só pode oferecer re-existência política o corpo inconveniente (SANTIAGO, 2019a) e desviante.

Para isso, relembremos, na esteira da articulação de Silviano sobre e a partir dos corpos inconvenientes, que as ideologias das letras das músicas têm menor importância do que as *performances* no palco, ao vivo, dos artistas (SANTIAGO, 2019a). A exemplo, o mineiro assente que o corpo que re-existe não é o do cantor da “Bossa Nova”, sentado em um banquinho portando um instrumento musical, pelo contrário, é a imprevisibilidade subversiva não-normativa do corpo performático de Ney Matogrosso com movimentos misteriosos, sensuais e andróginos que projeta a possibilidade corpo-sensível-epistêmica de transgressão política (SANTIAGO, 2019a). A questão musical-performática, nesse tocante, é indissociável do corpo do cantor ou cantora em cena (SANTIAGO, 2019a). Ney Matogrosso, por exemplo, transmite um *modus operandi e vivendi* de ser-estar-existir corporalmente no ato da *performance* destituído de qualquer vergonha e/ou amarra sociocultural (im)posta (SANTIAGO, 2019a). Dito isso, é a partir do introito sexual não-normativo e dissidente que se aquilata propriamente a re-existência libertária de se mover/comportar como *bicha* em uma visada ampla e ressignificada no pluriverso aos sujeitos normalizados (SANTIAGO, 2019b). Nesse contexto, vejamos algumas imagens (Figuras 1 e 2) da *drag queen* Pablllo Vittar justamente no ato *performático* desenhado nos palcos:

**Figura 1** – Pablló Vittar performando no desfile da “Casa de Criadores” em 2017



Fonte: <https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2017/05/09/pablló-vittar-marca-primeiro-dia-da-casa-criadores.html>

**Figura 2** – Pablló Vittar performando no desfile da “Casa de Criadores” em 2017



Fonte: <https://www.metrojornal.com.br/estilo-vida/2017/05/09/pablló-vittar-marca-primeiro-dia-da-casa-criadores.html>

É especialmente *a partir* da transgressão performática corpo-inconveniente de re-existir politicamente frente a totalitarismos de ordem heterossexistas e falocêntrica que se delineia o contorno da dissidência latente de Pablo Vittar, à semelhança de Ney Matogrosso nos anos 1970 com o grupo “Secos & Molhados”. A *drag queen* se faz necessária à contracultura artístico-sociopolítica da comunidade LGBTQIA+ ao imbricar emblemas fronteiros e ambíguos de gênero e de sexualidade no *mainstream* musical brasileiro, sobretudo, no atual momento político que vivemos atravessados pelas ideologias conservadoras e religiosas de Jair Bolsonaro perpetuadoras dos legados coloniais homofóbicos e teopolíticos. Nossa articulação epistêmica inconveniente-desviante entremeada pela figura não só de Ney Matogrosso, mas, também de Pablo, justifica-se especialmente por uma fala do então integrante do “Secos & Molhados”.

Para Ney Matogrosso: “[...] quando me viam no palco, maquiado, com bigode e uma grinalda na cabeça, *requebrando como um ser híbrido*, [as pessoas] *ficavam ainda mais confusas*” (MATOGROSSO *apud* SANTIAGO, 2019a, p. 19, grifos nossos). Diante do fragmento exposto, entrevemos que Ney Matogrosso e Pablo Vittar se aproximam em medida similar que Marielle Franco e Jean Wyllys: todos são corpos inconvenientes que se desviam da compulsão heterossexual-normativa-patriarcal e desestruturam as fronteiras e as regras de gênero e de sexualidade confrontando os legados imperiais, modernos e ocidentais da teopolítica opressora e universalista tão bem quista tanto pelo presidente da república quanto por boa parte dos políticos em exercício no Brasil. Temporalmente, Ney nos foi tão necessário na década de 1970 introjetando sua corpo-política da inconveniência nos palcos tal qual Pablo é hoje, na segunda década do século XXI.

Pablo descortina o horizonte crítico-epistêmico de que não resistimos porque somos *bichas*, mas sim, re-existimos politicamente pela opressão e pelas marcas de poder hegemônico-colonial incutidas, à revelia, em nosso corpos-*corpus* de *anthropos*. Essa diferença nos permite entender que gênero, diferenças étnicas e sexuais poderiam ser absorvidos pelo sistema vigente e postos na esfera da subalternidade interior (MIGNOLO, 2003). Além disso, a existência inconveniente-política-desviante vem à tona para lembrar que tolerância e as semelhanças-e-diferenças não são suficientes para dar conta da reinscrição das nossas corpo-políticas na história da humanidade. Há que se prezar por *todas* as vidas no chancelar das políticas da semelhanças-na-diferença e nas co-existências angariando a dissipação das marcas de poder arroladas aos nossos corpos-*corpus* das exterioridades.

Para a artista e intelectual portuguesa Grada Kilomba (2019), há uma narrativa universalista e monotópica do que é conhecimento, arte, corpos-*corpus*, sexualidade e gênero que exclui, rechaça, expurga e cria categorizações que desumanizam e sub-humanizam os corpos marcados os identificando enquanto desviantes, inferiores e insubordinados sendo tudo aquilo que não é representaria a nação. Sendo assim, no plasmar dessas significações imbricadas no corpo e na *performance* inconveniente e re-existente de Pablo, percebemos as dimensões patriarcais e homofóbicas do colonialismo que grassa e é legitimado, ainda, no Brasil. De acordo com a intelectual portuguesa, o colonialismo se apresenta em três dimensões: a prática de marginalizações de determinados corpos e identidades, a capitalização de tudo que for possível e a militarização das relações humanas (KILOMBA, 2019). Nessa esfera, reverbera-se a política do medo (KILOMBA, 2019) que cria os ditos “outros” e seus respectivos corpos desviantes para sustentar que são terríveis/perigosos e, portanto, há que se defender deles pelo estabelecimento de barreiras e fronteiras sociais, culturais, políticas, econômicas, físicas, civis e artístico-epistêmicas (KILOMBA, 2019).

Na contracorrente às configurações (im)postas pelas normativas do colonialismo, o saber e a arte se projetam enquanto territórios de descolonização (KILOMBA, 2019). À vista disso, Pablo

angaria esses *loci* descoloniais/fronteiriços a partir da pliversalidade performática do seu corpo inconveniente-desviante posto-exposto em cena nos palcos elaborando possibilidades de re-existências coletivas, tal qual Ney Matogrosso, às medidas totalitárias que angariam o exercício de colonizar aquilo que consideram como corpos sub-humanos. Dissidente e fronteiriça, a corpo-política da *drag queen* brinca e joga com os signos de gênero e de sexualidade estabelecendo a dúvida e a ambiguidade aos espectadores os desviando dos binarismos maniqueístas do que é *ser homem ou mulher*. Segundo Guacira Lopes Louro (2018):

*A drag assume, explicitamente, que fabrica seu corpo, ela intervém, esconde, agrega, expõe. Deliberadamente, realiza todos esses atos não porque pretende se fazer passar por uma mulher. Seu propósito não é esse, ela não quer ser confundida ou tomada por uma mulher. A drag propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas. O que faz pode ser compreendido como uma paródia do gênero: ela imita e exagera, se aproxima, legítima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia (p. 78-79, grifos nossos).*

A exemplo das imagens expostas (Figuras 1 e 2) e do fragmento supracitado, entendemos que a artista “bagunça” as próteses de performance de gênero, ora se apresentando de peruca (à semelhança de uma imagem estereotipada feminina), ora sem, e, ao mesmo tempo, com vestes, socialmente, atribuídas às mulheres *pari passu* à exposição do colo e dos mamilos masculinos. Conscientemente ou não, Pablllo desmantela as estruturas de poder na chancela da exposição pública de seu corpo inconveniente atravessado por linguagens visuais (KILOMBA, 2019) e semânticas *outras*, não-normativas e pluri-versais. Ademais, no seu ato performático, descortina-se o horizonte dos corpos que são marcados ou não (KILOMBA, 2019). A esses, desvela-se o arcabouço da universalidade que produz o poder colonialista e opressor incutindo corpos que correspondem à condição humana e à nação e, por isso, a categorização não precisa ser mencionada (KILOMBA, 2019).

Ou seja, quando se fala de corpo, em geral, é o corpo não-desviante e heterossexual que o imaginário coletivo projeta. Quando falamos de homens, é aos heterossexuais que nos referimos. As marcas do poder, imbricadas pelos privilégios dos *humanitas*, resguardam-se aos corpos marcados dos *anthropos*, ou seja, às exterioridades. Contrapondo a normatividade heterossexual patriarcal, o corpo *queer* (LOURO, 2018), marcado, dissidente e desviante de Pablllo é estranho, raro, esquisito. É o excêntrico que, enquanto *anthropos*, não quer ser “integrado”, tampouco, “tolerado” (LOURO, 2018). As inconveniências corpo-políticas de Ney e de Pablllo desvelam nosso posicionamento de não angariarmos o pertencimento nem a referência universal ao/do centro (LOURO, 2018). Endossamos, em nossos corpos e geopolíticas das semelhanças-na-diferença pluri-versais, maneiras de pensar, ser e escre(vi)ver (seja epistemicamente ou em práticas performáticas artísticas) no exercício de desafiar normas socioculturais regulatórias assumindo e (auto)refletindo a partir dos nossos desconfortos da ambiguidade, do entre-lugar e da fronteira. Somos estranhos ao existirmos pela égide do incômodo, da provocação e do fascínio (LOURO, 2018).

Corroborado pelas discussões apostas, sobremaneira, pela inconveniência angariada por Silviano, compreendemos que para além de debruçar-nos sobre a subalternidade pelo crivo de uma perspectiva, julgamos necessário discuti-la pela égide da razão subalterna. Essa, segundo Mignolo (2003), compreende a plêiade de práticas epistêmicas emergindo *dos* e voltando-se *aos* legados coloniais ao propor o contramoderno enquanto espaço de controvérsia que questiona as ordens ditas

naturais, de “si-mesmo”/”o outro”, civilizado/bárbaro e, estendemos ao recorte crítico aqui exposto, de corpos marcados/desviantes/inconvenientes e os não-marcados. De modo simultâneo, a razão subalterna (MIGNOLO, 2003) se alimenta e é alimentada pelas práticas teóricas promovidas pelos movimentos de descolonização emergindo como resposta epistêmica à necessidade de desestruturarmos e repensarmos as histórias narradas (MIGNOLO, 2003), ditas universais, pelo endosso da evocação das diferenças coloniais, incutidas nos meus/nossos corpos desviantes, marcados e inconvenientes.

Ensejamos, portanto, um pensamento *outro*, da premissa das políticas de semelhanças-na-diferença, a fim de refletirmos *a partir e para além* das disciplinas hegemônicas, territoriais e ocidentais (MIGNOLO, 2003) embutidas nos corpos-*corpus* das diferenças coloniais. Pretendemos ir além dos legados imperialistas-ocidentais, das prescrições e divisões normativo-binárias de gênero, sexualidade, raça e etnia tomados pelo anseio de ultrapassarmos a subalternidade aquilatando, pelo reverso, elementos possibilitadores de formas subalternas de pensar e de re-existir (MIGNOLO, 2003). Para Louro (2018), no tempo em que a Bíblia imperava pelo reconhecimento de “fonte de autoridade”, era no enunciado sagrado que se sustentavam as relações entre homens e mulheres e, por sua vez, as diferenças existentes entre ambos. Todavia, nesse momento, o corpo era valorado com de menor importância tornando-se, posteriormente, primordial nas justificativas das diferenças (coloniais).

Contudo, essas marcas de poder não são estáveis e precisam, continuamente, serem reinventadas e reiteradas para garantir a solidez e a permanência (LOURO, 2018) das hierarquias angariadas pela matriz colonial de poder (MIGNOLO, 2017a). Dentre os espaços socioculturais de investimento e (de)marcação corporal estão, dentre outros, as famílias, escolas, igrejas, leis, mídias e médicos (LOURO, 2018) contaminados pelos legados coloniais, modernos e ocidentais de racialização (MIGNOLO, 2008), isso é, a óbvia negação das humanidades *outras*. As normas de regulação dos corpos-*corpus* estabelecem limites de sanidade, legitimidade, moralidade e/ou coerência (LOURO, 2018), tendo em vista a/o inconveniência/desvio das fronteiras aquilatados pelos *corpos* outros marcados como ilegítimos, imorais e/ou doentes (LOURO, 2018). Assim sendo, para Louro (2018), não existe um núcleo plenamente efetivo, estável e confiável o qual as normas, por exemplo, de sexo-gênero-sexual idade possam ser replicadas com segurança, há que reinventá-las de tempos em tempos.

Da mesma forma no que convém às re-existências políticas de transgressão que necessitam se reinventar e se deslocar para transcender e descolonizar as imposições universalistas das semelhanças-e-diferenças que hierarquizam corpos-*corpus*, desejos, sensibilidades, afetos e *loci* geoistóricos e epistemológicos em marcações binárias e maniqueístas de poder. Nos dois casos, é *a partir do corpo e através dele* (LOURO, 2018) que as práticas de afirmação e/ou transgressão/descolonização das regulações opressoras se realizam e delineiam-se. Então, atravessados ainda por Louro (2018), entrevemos que os corpos-*corpus*, inconvenientes/desviantes ou não, são marcados de maneira sociocultural, simbólica e material por seus habitantes ou até mesmo por terceiros. Por isso, a corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural só pode ser pensada com base nas políticas das semelhanças-na-diferença e *a partir da fronteira* (MIGNOLO, 2003).

Tendo em vista que compreendemos os nossos corpos homossexuais enquanto a própria morada da fronteira, incute-se, sobremaneira, pensar à luz das nossas (auto)inscrições-reflexões da perspectiva subalterna (MIGNOLO, 2003) e dos *loci* geoistóricos e epistemológicos os quais estamos

atravessados. Pensar *a partir das* (nossas próprias) fronteiras (MIGNOLO, 2003) e do conceito moderno de teoria territorial pressupõe trazer à superfície as formas anônimas de pensamentos, sensibilidades, afetos, desejos e re-existências silenciados pela modernidade ocidental colonialista. Tal qual Mignolo (2003) assevera, pensar teoricamente é dom de todos os seres humanos, independente, do período e dos *loci* geohistóricos e epistêmicos os quais habitam. Aquilata-se, então, a proposição de novos sujeitos epistemológicos que pensam não apenas *sobre* as fronteiras, mas, essencialmente, *a partir delas*.

Esperamos, nesse intento, angariar reflexões corporificadas de uma (auto)consciência *outra* e novas formas de corpo-racionalidades que se projetem com base nas experiências subalternas na construção e na reorganização das sociedades e dos futuros globais mais igualitários possíveis. Refletir sob a pluma das nossas corpo-experiências subalternas contribui tanto para a (auto)reflexividade (MIGNOLO, 2003) quanto para políticas públicas de direitos humanos e epistêmicos ensejando condições de transformação das relações desiguais de subalternidades que grassam no mundo capitalista-neocolonial de hoje. Fronteiramente, essa premissa endossa as reflexões baseadas nas nossas posições de sujeitos entranhados por heranças coloniais em nossos corpos-*corpus*, histórias locais e sensibilidades das exterioridades.

Dito isso, a força da teorização fronteiriça/descolonial (MIGNOLO, 2003) está, em especial, na sua capacidade de transformação epistemológica, social e cultural no desejo de propor mundos pluri-versais e semelhantes-na-diferença possíveis. Assim, escre(vi)ver a partir dos corpos-*corpus* homo-biográficos inconvenientes e desviantes implica realizar a alta rotatividade dos signos (EVARISTO, 1996) e grafias *homo*, *anthropos*, da exterioridade. Esses mesmos signos que nos isolam e tentam provocar o “exílio dos nossos corpos” (EVARISTO, 1996), frente à normatividade sexual-sociocultural, são os que escre(vi)vem a plenitude desses nossos corpos na construção de direitos relacionais (EVARISTO, 1996) *outros* de ser, estar e existir no mundo. O corpo homossexual fronteiriço é, na contracorrente da teopolítica, a profanação do sagrado (EVARISTO, 1996) e da “ordem/aparência natural do mundo” (MIGNOLO, 2008) pelo crivo dos desejos/afetos *outros* de pertencimento e de re-existência às subordinações (im)postas. A opressão heterossexista-compulsória-patriarcal seria, então, uma forma de pretender exilar o corpo inconveniente-desviante das sensibilidades homo-biográficas que o constroem enquanto corpo-político-*outro*.

Portanto, este trabalho se conclui exatamente onde a paisagem *bios*geográfica da exterioridade se inscreve e se projeta pela égide da (auto)reflexividade homo-*bios*-cultural de nós homossexuais sul-fronteiriços dos trópicos que não desejamos sermos integrados, tolerados nem mesmo resguardados aos armários que nos foram impostos. À revelia, impusemos nossos pés para romper as barreiras e, metaforicamente, as portas dos armários que vêm nos enclausurando séculos a fio. A corpo-política da inconveniência desviante homo-*bios*-cultural entrevista pela égide das políticas das semelhantes-na-diferença foi o nosso arsenal epistemológico-sensível para nos inserirmos no campo de batalha sociocultural-epistêmica de extermínio a nós homossexuais. Tal qual o poema que epigrafou este trabalho, os nossos corpos-*corpus* *alargam metáforas políticas e carregam fados comuns, extravio, luta, fortaleza e catástrofe* (MAROVATTO, 2018, p. 137).

É pelo atravessamento da fortaleza dos nossos corpos-fortalezas que angariamos pensar *a partir* da corpo-geopolítica dos conhecimentos e das sensibilidades para reinscrever na história das *reais* humanidades pluri-versais e pluri-tópicas os corpos inconvenientes e desviantes que são tanto nossos quanto de Silviano, Ney Matogrosso, Pablllo Vittar, Marielle Franco (*in memorian*) e Jean Wyllys. Ainda que nossos corpos-*corpus* sejam marcados (KILOMBA, 2019) e rasgados pelas garras

da homofobia ainda imperante no Brasil, *pari passu* a isso, estão os rastros, feridas e cicatrizes inscritas-vertidas que não nos deixam esquecer a historicidade das opressões e das violentações as quais, por séculos, viemos sofrendo. Integrando nossa razão subalterna à luz dos meus *loci* geoistórico e epistemológicos, compreendemos que a transcendência dessas semelhanças-e-diferenças tem que se dar pela chancela do pensamento *outro* que emerge *a partir* das fronteiras e, por extensão, do nosso corpo-fronteira que se escre(vi)ve homo-biograficamente nos palcos das artes-literaturas e, em específico, das vidas *outras*.

Ainda que hoje o colonialismo não obtenha os mesmos efeitos e consequências que há séculos atrás, suas marcas e legados sobrevivem nas diferenças coloniais que resistem e grassam no mundo, sobremaneira, no Brasil de Jair Bolsonaro e dos movimentos religiosos-cristãos em constante ascensão. Como explicita o vulgo homossexual nos dias atuais, *não deitaremos* para a política do medo (KILOMBA, 2019) imposta pelos neocolonialismos. Arraigados nas produções, nos saberes *outras* e nas artes, projetamos nossos corpos-*corpus* pelo atravessamento fronteiriço enquanto territórios de descolonizações (KILOMBA, 2019) semelhantes-na-diferença socioculturais, artísticos e epistemológicos, seja da maneira consciente, como nós e Silviano realizamos através das nossas escrituras homo-biográficas, ou não.

Dito isso, incorporamos as condições de bárbaros, sub-humanos, sujos, poluídos, depravados, doentes, profanadores, dissidentes, perigosos, transgressores, subversivos, inconvenientes e desviantes para sobrevivermos em coletividade e re-existirmos politicamente, quer queiram os replicadores da ficção reguladora da coerência sexual e da dita ordem/aparência natural do mundo (MIGNOLO, 2008) ou não. A putrefação moral incutida nos discursos em favor da família heterossexual patriarcal brasileira e dos “bons costumes” não se sustenta mais, tampouco, amedronta-nos. Dito isso, Silviano Santiago, Ney Matogrosso, Pabllo Vittar, Marielle Franco, Jean Wyllys, Guacira Lopes Louro e Walter Mignolo os quais convocamos à nossa conversa epistemológica formatada-em-coletividade, dão-nos subsídio para reiterar: não seremos integrados e/ou tolerados, mas, re-existiremos politicamente até que existam mundos pluri-versais co-existentes e igualitários os quais prezem por todas as vidas dando-lhes igualdade, em todas as esferas possíveis, e, sobretudo, dignidade humana, a qual, até o momento, vem nos sendo negada.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Escrever inscre-vi-vendo-se pela memória da pele. 1996. In: **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 153. 1996.

KILOMBRA, Grada. Grada Kilomba: “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. [Entrevista concedida à Joana Oliveira]. *El País*, São Paulo, s/p, 12 set., 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MAROVATTO, Mariano. O corpo. In: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018, p. 137-137.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. 2017a. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nr\\_m=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nr_m=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 set. 2021.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017b. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 20 set. 2021.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. 2019a. Disponível em: <[https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe\\_165\\_web](https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web)>. Acesso em: 20 set. 2021.

SANTIAGO, Silviano. “Para Bolsonaro la Biblia pesa más que la Constitución”. [Entrevista concedida a Adrián Melo]. **Resumen latinoamericano: la otra cara de las noticias de América y el tercer mundo**, Buenos Aires, s/p, 20 jul, 2019b.